

O CAÇA-MOSCAS AMERICANO.

ESTA casta d'avesinhos, posto que não sejam dotadas da graça e attractivo do canto, são das mais curiosas que arribam aos Estados Unidos d'America, onde se encontram durante a primavera e o verão, e ahí receberam os nomes de *tyrannos* em razão de seu extraordinario proceder e da auctoridade de que assumem sobre os outros passaros na estação de aninhar. Differem bastante dos papa-moscas que se criam na Europa, posto que pertençam á mesma tribu; os naturalistas os elogiam muito pelos habitos e necessidade de buscar sustento que os induzem a consumir os insectos, como as varias castas de moscas e outros importunos á humanidade; porém se por esta parte fazem proveitoso serviço, esquece este beneficio-aos colonos americanos, porque veem que os caça-moscas são uns arrasadores das colmeas, fazendo grande destruição nas abelhas; e eis-aqui porque soffrem crua guerra, movida pelos cultivadores, que em seus plantios mantêm corticos.

A nossa estampa mostra estes passarinhos pousados n'um ramo da arvore chamada algodoeira, que é parecida ao choupo, e cresce a grande altura e corpulencia, particularmente nas margens do Mississipi e Ohio, e em todos os solos de alluvião que demoram ao occidente das montanhas de Alleghany. — Soltam elles frequentemente um chilro agudo,

NOVEMBRO 30 — 1844.

que os denuncia, e se ouve nos pomares e jardins, nas immediações dos rios, e nos prados artificiales, bem como nas ourelas dos bosques, em cuja densidade raras vezes se embrenham. A desesperada coragem que o macho desenvolve, quando é atacado o ninho durante a incubação, tem feito notavel esta especie, pouco volumosa em corpo, porem de grande audacia e vigor; daqui vem que todo o periodo da sua residencia temporaria nas fazendas rurales dos Estados Unidos é uma sequencia de pelejas e de continua vigia, de fórmula que está sempre dando rebate de qualquer apparição de aves damnínhas, com o que adverte o colono para que lhe não seja roubada a criação miuda de seus pateos, alem de que devorando milhões de bicharia, que em larvas ou já em perfeito desenvolvimento estragam os vegetaes e as madeiras, presta um serviço que bem compensa a perda de algumas abelhas, quando os cultivadores deixam voluntariamente abalar muitos enxames novos, por não os poderem conservar. Tal é a observação de Audubon, de cuja obra magnifica sobre a ornithologia americana é copiada a precedente gravura. O vóo usual destes caça-moscas é singular: nas vibrações das suas azas estendidas, quando se movem sobre as campinas vagarosamente, semelham o milhão pairando nos ares a reconhecer o terreno e a preza.

2.<sup>a</sup> SERIE — VOL. III.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912—970.

22.<sup>º</sup>

*Preparação.*

APLANADO este obstáculo, não antecipemos mais. Recuemos um dia; regressemos a Burgos. O que se passava lá?

Deixámos o conde em caminho para o mosteiro de S. Lourenço a armar cavaleiros. (\*)

Entrou. Sentou-se em lugar de distinção; desbarretado e tendo ao pé de si a coifa de escarlatim bordada de ouro, que trouxera na cabeça. Pendia-lhe dos ombros um custoso manto. Por baixo trazia uma pelle vermelha com bandas lavradas de ouro; e a pelle sobreponha-se a um primoroso brial de ciclatom, franjado também de ouro. Vestia por baixo do brial camiza de ranzal alvíssimo com presilhas de ouro e prata. Trajava bragas do melhor pano. E calçava capatos que condiziam no esmero com o resto do traje. De um talim de couro preto dourado com as armas de Castella lhe pendia uma rica espada de Toledo de bainha e punho de ouro, cravejada de pedraria preciosa (\*\*:). Em volta d'ele estavam, de pé, por ordem de graduações, os officiaes da sua corte, quasi os mesmos que a compunham ao tempo dos reis wisigodos. No primeiro lugar o mordomo de palacio; depois o escudeiro, seguindo-se-lhe por seu turno o thesoureiro, o intendente, o chanceller, o official das guardas, o camareiro, o estribeiro, os *gardingos* — homens nobres addidos á corte sem cargo especial, mas não isemptos do serviço militar, e que quando os revestiam de alguma dignidade, tomavam então o nome de condes ou proceres —; e emfim os capelães. Era um acompanhamento mais luzido d'aquelle com que até então costumara o conde apresentar-se em ocasiões solenes; e não lhe faltava nada para igualar a pompa e apparato dos reis.

No mosteiro se achavam já os lavradores todos que haviam de iniciar-se, preparados desde a vespresa com o banho, o jejum, a vigilia, e a oração.

Como mais rico, e considerado entre todos, foi mossem Martinho guiado pelos padrinhos ante o conde para receber o primeiro gráu da cavalleria.

- Que quereis vós? [lhe perguntou o conde].
- Entrar na ordem dos cavaleiros.
- Sois digno d'isso?
- Assim o julgam.
- Possuis cordura?
- Sei guardar meu pró, e desviar-me do dano.
- Firmeza?
- Persevero em meus propósitos, e não me tem por mudadiço.
- Justiça?
- Dou a cada um o seu.
- Destreza?
- Sei armar-me, e apostamente: firo com todas as armas: cavalgo ligeiro e seguro.
- Lealdade?
- Nunca faltei na que devo ao meu Deus, á minha terra, e ao meu senhor legitimo.
- Prometteis observar fielmente as regras da ordem?

(\*) Parece que era n'esse mosteiro que o conde costumava armá-los: Flores, Esp. Sag. tom. 27, pag. 670, 671.

(\*\*) E' pouco mais ou menos o traje com que o Cid apareceu na corte de Affonso 6.<sup>º</sup> Vid. Poema do Cid desde verso 3096 até 3111.

— Prometto.

— Calçai-lhe as esporas, vós [disse o conde para um cavalleiro dos que estavam presentes; e para outros disse]: e vós vesti-lhe a armadura completa, exceptuando a cabeça, que ha-de ficar-lhe descoberta.»

Calçadas as esporas e vestida a armadura, um dos cavalleiros tirou a propria espada, cingiu-lha sobre o brial, desembainhou-lha depois de cingida, metteu-lha na mão direita, e conduziu-o novamente á presença do conde, que perguntou ao adepto:

— Jurais morrer pela lei, se assim fôr mister?

— Juro.

— Por vosso senhor natural?

— Juro.

— Por a terra commun?

— Juro.

— Mossem Martinho, em nome de Deus e da auctoridade suprema que exercitâmos, vos conferimos o gráu de cavalleiro: assim o Senhor vos ajude a cumprir o voto da ordem!» E dizendo isto, deu-lhe com a prancha da espada tres toques nas costas. Depois beijou-o na face, e todos os cavalleiros presentes o beijaram igualmente cada um por seu turno, em signal de fé, de paz, e de irmandade.

Os que restavam para receber a ordem, eram mais de novecentos. Vinham no seu trajo usual de paisanos; com a diferença unica de traserem todos cingida a espada. E segundo a practica nos campos de batalha, em tempos de guerra, e na vespera d'ella, prescindiu-se do ceremonial para com elles; e o conde com voz forte perguntou:

— Homens de Castella que pretendéis entrar na cavalleria, jurais o mesmo que acaba de jurar o cavalleiro noviço, vosso irmão? Mais de novecetas espadas se levantaram ao ar em signal de assentimento. E o conde prosseguiu:

— Em nome de Deus, e da auctoridade suprema que exercitâmos, nós vos conferimos a todos o gráu de cavalleiros: assim o Senhor vos ajude a cumprir o voto da ordem!»

Dado pelos sinos do mosteiro o signal de se ter concluido a ceremonia, começaram as manifestações de regosijo em toda a cidade. Entre concertos de musica, jogos da argolinha, torneios, combates de toiros, e outras festas que haviam attrahido uma multidão immensa não só de Burgos, mas das vizinhanças, e até de aldeias e logares distantes, o divertimento que mais parecia interessá-la era um combate de cegos. Estava um porco n'uma especie de circo, posto no meio dos cegos, e estes armados de páos faziam diligencia pelo matar á pancada, e alcançar uma victoria, de que o immundo animal havia de ser recompensa. No seu açoitamento erravam, a cada momento, a sua victimá, e descarregavam uns sobre os outros furiosas bordoadas — *bordoada de cego*, segundo lhe chamam vulgarmente — com muito regosijo e applauso dos espectadores (\*\*).

No dia seguinte concorria ainda a mesma multidão que na vespera aos diferentes espectaculos; mas espalhando-se entre o povo a voz: *ao castello, ao castello* — o povo, desamparando todo outro passatempo, seguiu de tropel para o castello. E de feito ia alli representar-se tal scena de audacia, como nunca até então se vira.

Estava em meio d'uma pequena planura junto aos muros do castello alçado um vasto theatro; no cen-

(\*\*) Vid: Viardot, Essai sur l'hist. des arabes et des mores d'Espagne tom. 1.<sup>º</sup> pag. 207 not.

tro d'esse theatro levantava-se um throno, e sobre o throno se erguia uma effigie de Ramiro, o rei de Leão, com a coroa na cabeça, o sceptro na mão, e as demais insignias da dignidade real. Subiu um arauto ao tablado, e em alta voz leu diferentes capitulos de accusação contra aquelle monarcha; particularisando principalmente a traição recente dos Vélas, a injustiça com que o suzerano quisera tirar a Fernão Gonçalves o governo do condado, e a maneira ultrajante como se houvera com o conde, os nobres, e o povo de Castella; e declarando a final que conforme rasão e justiça, voto de todas as classes, direitos da provincia, e privilegios d'aquelle cidade, o dito rei de Leão devia ser deposto e ex-auctorado da suzerania, e em seu lugar o conde Fernão Gonçalves declarado unico senhor de Castella, e seu conde soberano.

Apenas acabou de ler o arauto, subiram ao theatro Fr. Pedro, na falta do bispo, e como abade do mosteiro de Arlança, o vigario Gonçalo Dias, e mais quatro officiaes móres da corte de Fernão Gonçalves; e approximaram-se da estatua. O primeiro destoucou-lhe a coroa; o segundo arrancou-lhe o sceptro; um terceiro desafivelou-lhe a espada; o quarto despiu-lhe as vestes regias; o quinto e o sexto despojaram-no das outras insignias da realeza. Depois todos eles juntos deitaram a estatua de pernas ao ar sobre o tablado, e atiraram com ella do tablado abaixo, enchendo-a de maldições. Então o arauto lançou o pregão: *Castella, Castella, pelo conde Fernão Gonçalves, unico senhor de Castella!* Milhares de bocas repetiram este grito patriótico, acompanhado do reclamor das trombetas, do rolar dos tambores, do repique festivo dos sinos, e do estralar dos trons do castello. E o bando popular foi assim fazendo a acclamação por toda a cidade; em quanto no palacio do conde se lavravam autos, investindo-o de maneira menos tumultuaria na sua nova dignidade.

A palacio chegou pouco depois uma brilhante cavalgada de gardings, e gentis-homens do conde, notável pelo garbo dos cavalleiros, o brilho das armas, a louçania dos trajos, e o primor dos cavallos, e jaezes. O que a vinha guiando trazia a dextra um cavallo árabe, e no punho empoleirado um falcão. Aquelle formosissimo de estampa. O falcão certificando bem a nobre linhagem de que procedia: cabeça redonda; bico curto e grosso; pescoço mui longo; peito nervudo; cotos largos; coixas compridas; pernas curtas; mão espalmada; dedos delgados, alongados, e musculosos nas juntas; unhas firmes e recurvas; azas longas; plumagem parda; todo de uma cor, e muito bem desseinado. No fim das piozes trazia enfiado um anel de ouro: era o terceiro, ao que se sabia. No primeiro estivera gravado o nome de al Mudaffar; no segundo o de Ramiro, rei de Leão; e n'este agora o de Fernão Gonçalves. É que o falcão, como ha-de estar lembrado o leitor, fôra juntamente com o cavallo uma das prezas feitas na batalha de Osma. Pertenceram ambos ao general mussulmano morto n'aquella batalha. Tinha o conde determinado mandá-los a Ramiro em satisfação do feudo annual que Castella pagava a Leão. Mas agora declarada a independencia de Castella, o signal de preito convertia-se n'outro de alforria, e o vassallo dependente erguido a conde soberano, recebendo elle mesmo homenagem feudal, ou procurava por aquelle modo ostentar a sua supremacia, ou lançar um repto publico e solemne ao seu antigo suzerano, como de potencia a potencia.

Fernão Gonçalves aceitou com ar de principe, ceremonioso e grave, o cavallo e o falcão. Restava a luva e o anel, emblema de dependencia, que Ramiro lhe havia mandado por titulo e mercê. Mas a luva e o anel que eram o diploma feudal com que os suzeranos empossavam seus vassallos, estavam agora para ser recambiados pelo conde ao suzerano deposto.

— Gonçalo Dias [disse Fernão Gonçalves para o seu vigario, na presença da corte que o cercava] já que Sua Real Senhoria, o rei de Leão, não recebeu o falcão e o cavallo que lhe estava destinado, é justo, para que nos não tache de descortezia, que lhe mandemos algum presente a suprir a falta d'aquelle, e que seja digno de nós, e da sua alta prosapia; e o presente que se nos asfigura mais adequado, é a luva e o anel com que Sua Real Senhoria nos brindou há já alguns annos.

— Certamente! [disse o vigario sorrindo]. Certamente! Sua Real Senhoria ha de penhorar-se muito de tanta delicadeza!

— Certamente! [disseram sorrindo os outros ricos-homens e guardings que eram presentes].

— Não vos parece, cavalleiros! [continuou Fernão Gonçalves no mesmo tom de mofa, e escarneo] Quando Sua Real Senhoria receber a luva e o anel, ha-de dizer á sua curia: «Fernão Gonçalves é leal: demitiu-se do governo: entregou a provicia ao conde de Véla; e não contente com esta prova de abnegação, envia-nos de mão beijada o diploma, que tinha da nossa munificencia soberana, acaso porque renunciou de todo ás grandezas, e despiu o manto de cavalleiro para envergar a cogula de ermitão.» O glorioso suzerano ha-de edificar-se muito com este acto de submissão, e até talvez dará uma lagrima triste como pracebo de defunctos ao nosso poder decahido!»

E dito isto desatou a rir ás gargalhadas. A corte em parte por sestro de imitação, sestro animal de todas as cortes, em parte por impulso espontaneo, o imitou; porque sem faltar á verdade, não poderia afirmar-se que nas circumstancias dos palacianos do conde de Castella, não fosse outra causa que a monanaria servil a ruidosa alegria d'elles. Passada porém a vertigem comica que accomettéra a nobre assemblea, continuou o conde:

— Occorre-nos que para tornar mais agradavel a Sua Real Senhoria a nossa offerta, convém que seja um nobre alavez o portador d'ella...

— Sem duvida! [exclamou o vigario].

— Approvaes o expediente, Gonçalo Dias! Folgo com isso. E n'esse caso heis-de convir que o portador mais talhado para esta mensagem é o vosso collega.

— O meu collega!

— Sim, o vigario do conde Véla.

— O adail alavez que está preso, o implicado na fuga dos soldados para a serra, um criminoso de alta traição!!!

— Um homem fiel ao seu senhor na adversidade, e por esse titulo accredor da nossa estima; um delinquente a quem podêmos perdoar; e um mensageiro de molde para levar da parte de um conde soberano a um monarcha, que o pretendia despojar, a luva e o anel recambiados.

— A fidelidade do adail não a nego, nem a Vossa Honra o direito de perdoar; mas a fidelidade do mensageiro quem me responde por ella?

— Uma escolta que o ha-de acompanhar até a fronteira.

— E da fronteira para lá? ... Não fio, apesar d'essa precaução, que o mensageiro cumpra a mensagem.

— E se a escolta o conduzir até ás portas do palacio de Ramiro? ....

— Um bom cevo para o ressentimento do suzerno exauctorado, para a masmorra de uma torre, ou para o cutello do algoz! Uma escolta sacrificada.

— Não o creio. Ramiro ha-de respeitar.....

— Duvido muito.

— Se a não respeitar, que se lhe ha-de fazer? São pensões da milicia, riscos que andão annexos aos que vestem armas.

— A isso, senhor, não tenho que responder.....  
Mas ocorre-me agora....

— Pois... ainda tendes que oppor?

— Tenho, senhor: ocorre-me que o adail, guerreiro pondonoroso, poderá recusar-se á mensagem.

— Recusar-se á mensagem, é offerecer-se ao algoz.

— É offerecer-se ao furor do povo; porque o povo enfurecido pelas traições continuadas destes ultimos dias, está sequioso de sangue, e quer derramá-lo por suas mãos. Atacará a guarda que escoltar o condenado ao logar do suppicio, e.....

— Seria repellido, se o ousasse...

— Mas val mais evitar occasião a conflictos d'estes, sobretudo n'uma conjunctura em que importa muito captar vontades. Os burguezes viram sahir incolume o conde Véla; viram a deserção dos alavezess; sabem que o campeão de Ramiro se acha na serra; presenciaram ha poucas horas a marcha de tropa em busca d'elle, e dos outros transfugas; e ardendo em sede de vingança, se arrojarão sobre o vigario do Véla, apenas este saía do castello, e a chuça do homem do povo se cruzará com a azevan do béstiero. Máo é, senhor, que o sangue castelhano tinja o ferro castelhano! Desgraça grande, mas certa; tão certa que eu vos juro que a guarda dos archeiros que vellam nos adarves e eirados das torres, e os muros, nem a cava, não seriam por muitos dias bastante defensão ao prezo.

— O vosso reparo é assisado. Mas sempre tentaremos a mensagem, e o mensageiro. Se o dobrarmos, das ameias do castello se atirará ao tigre burguez para adormentar-lhe a colera uma cabeça ensanguentada: dir-se-lhe-ha que é do preso, e o tigre será saciado. Se o preso for pertinaz, justiçalo-hemos; e para que não seja ás mãos dos burguezes, a execução se fará ante-manhã em logar publico, bem publico, o mais publico que possivel for; e a lei terá assim cumprimento inteiro. Que dizeis a isto, mestre em leis? [perguntou o conde, com meneios de quem exigia resposta satisfactoria, para o conselheiro de mais auctoridade entre os lettrados de Castella].

— *Distinguo!* [respondeu o consciencioso conselheiro com a maior gravidade, e o mais imperturbavel sangue frio]. Quero dizer, senhor, que distingo entre a letra do codigo e o seu espirito. A letra diz que a execução seja de dia, depois de nascer o sol, em logar publico &c. Mas com que seja em sitio alto, patente, e bem lavado do vento, e com a claridade bastante para que o algoz enxergue o pescoço do réo, o espirito da lei, que é tudo, será religiosamente observado.

— Mas com venia de Sua Honra, e desculpa vossa, conselheiro [atalhou o vigario, que era mais escrupuloso do que o doutor] a essa hora estarão dormindo os burguezes; e o sitio da execução, ainda que seja o terreiro mais frequentado, será deserto, e.....

— E isso que importa? Que as toupeiras não vêjam a execução! ..... A execução será *publica* [interrompeu o conselheiro], publica aos olhos de Deus e do mundo, ainda que os dos burguezes estejam fechados com sonno por culpa e preguiça destes. E demais [accrescentou o letrado, procurando como jogador destro assentar a ultima vasa] o réu não é castelhano; as disposições do código não podem favorecê-lo; e no caso occorrente a lei unica, que regula, é o arbitrio de Sua Honra — *principis jussa adspectare.*»

A esta ultima coarctada, e a um texto latino não havia que retrucar; e o vigario emmudeceu, porque um sorriso approvador do conde, e o proposito inalteravel que se lhe podia lér no semblante, tinham decidido a questão.

Se a sorte do vigario alavez era o assumpto da conversação entre os personagens da corte, o assumpto das altercações entre os maioriaes da gente miuda do burgo não era outro, n'esse momento; porque depois de recolhido o bando que descera, segundo vimos, do castello, reunidos todos na taberna da tia Josefa — protagonista indispensavel n'estes dramas populares — tinham conselho secreto, em que a cabeça do prezo era o thema da disputa, ou a *ordem do dia* d'aquelle sessão. Não se enganára Gonçalo Dias no que tinha afirmado da irritação dos animos, nem tão pouco dera nenhuma novidade ao conde, porque este pela velha tivera aviso antecipado de quanto ocorria. E a velha fôra tambem muito melhor informada, e muito antes que os homens de palacio, das intenções de Fernão Gonçalves a respeito do tenente do conde Véla. Fernão Gonçalves, homem politico, dizia ao ouvido de cada classe a palavra sacramental que a podia agitar. Aos nobres inculcava-se propenso a ter o freio á gente do povo: ao povo mostrava-se protector e parcial das classes sem nascimento. Mas conhecendo que o povo tem os seus idólos domesticos, os seus oráculos familiares por quem se guia; a esses se dirigia este caudilho sagaz para governa-lo. E a Sybilla de Burgos, a velha da Vejarrua, era o instrumento mais activo e efficaz d'esta influencia invisivel.

*A. d'O. Marreca.  
(Continuar-se-ha).*

#### DYNASTIA DOS ALMOHADES NA MAURITANIA; PROGRESSO DE SEU ALEVANTAMENTO.

##### 3.º

O VELHO Aly falleceu em 1142, poucos annos depois de haver chamado da Hespanha o principe seu filho, como dissemos no artigo precedente Taxefin subiu ao throno em Marrocos, e foi reconhecido pelas tribus sieis dos Almoravides; mas estes haviam chegado já ao termo da sua declinação, e os Almohades se levantavam novos e viçosos.

Por consequencia a pertinaz luta do fanatico Mahadi Almohade proclamado em o anno de 1122 n'uma parte da Mauritania, contra o principe dos cren tes, Aly, continuou depois da morte de um e de outro nas pessoas de seus sucessores Abdulmunem estabelecido em Tainamal, e Taxefin em Marrocos. Abdulmunem era talhado para representar entre musulmanos um grande papel: discípulo querido e companheiro constante daquelle famoso impostor, havia bebido todo o saber e artificio de suas maximas e maneiras: sobre ser muito instrui-

do era sobrio e pregador, e isto lhe dava um ar de propheta. Eis o retrato que delle faz o auctor arabe do livro intitulado o *agradavel e divertido Cartaz* :— Abdulmunem era eloquente, affavel, doutor, e sabio na maneira de disputar, pois conhecia a sciencia por principios, observante dos ditos e accões do propheta, intelligente na citação das auctoridades, universal nas sciencias divinas e humanas, e o mais sabio na lingua vernacula, na etymologia das palavras, nas humanidades, na leitura e commemoração das epochas e vidas das gentes; d'excelente proceder, e penetrante conselho; dotado de prudencia, actividade, firmeza, valor e constancia nos combates e nos negocios d'igual ponderação, afortunado, feliz e vencedor. Era tambem liberal, generoso por natureza e amante dos sabios e politicos, approximando-os de si e ennobrecendo-os, e insigne poeta.— Outro escriptor arabe a que o citado auctor chama filho de Janun, moralizando sobre a marcha de seu proceder e felicidade do seu governo, disse mui sensatamente :— como Abdulmunem não tivesse na sua casa soberano a quem imitasse nas delicias, foi um dos seus primeiros cuidados não permanecer jámais no ocio e no descanso: por isso conquistou toda a Mauritania; dirigindo-se depois para o Oriente sujeitou todo o territorio até Barca, assim como na Hespanha subjugou os poderosos. —

Taxefin, o filho e successor d'Aly, era digno competidor do valente Abdulmunem, considerado sómente o valor e experencia da guerra em que lhe levava vantagem; mas a dureza e condição, sobria e masculina, dos arabes em quanto permaneciam na Mauritania, e nas serranias do Atlas se enfraquecia e amolgava com as delicias e sensuallismo da Andaluzia, e nas cõrtes magnificas de Cordova, Sevilha, e de Granada, onde o luxo e refinamento dos prazeres afeminava os corpos e enfraquecia as potencias d'alma. De mais os africanos nunca olhavam com bons olhos para os potentados musulmanos da Hespanha, e o principe Taxefin havendo ahí commandado muitos annos residindo em Cordova e Sevilha, levára consigo para a Africa em 1135 os costumes, o porte e maneiras andaluzes. Em sim era Abdulmunem o sol nascente, novo e radioso, quando o ultimo principe dos Almoravides era já astro em declinação: e se em todos os povos ha mais ou menos esta tendencia para sympathizar com a fortuna, muito mais forte deve ser entre muçulmanos, que por seus principios religiosos esperam sempre vantagens e felicidades para os amigos e fieis do propheta.

Mas sigamos o fio dos successos. Em quanto viveu o velho Aly, o respeito do seu grande nome, o costume em que estavam os povos de obedecer á sua dominação, e a pericia e valor militar de seu filho o principe Taxefin haviam como equilibrado os successos, na Mauritania principalmente; e a guerra se tornára diurna; porem desde o falecimento daquelle em 1142 tudo correu precipitadamente a um acabamento estrondoso. Eis-aqui o que em sumario tirámos da chronica d'Assaléh a este respeito :— Continuaram as guerras entre o califha Abdulmunem e os Almoravides desde o dia em que aquelle foi acclamado imperador até que faleceu Aly, filho de Jussuf; e tendo subido ao throno, depois deste, seu filho Taxefin continuaram os ditos combates do mesmo modo até que faleceu Taxefin, depois de haver Abdulmunem permanecido dois annos em Agrita, e Taxefin defronte delle a combatê-lo

diariamente, alternando-se as victorias d'ambos. Tendo Abdulmunem partido depois para as montanhas de Gammara, correu Taxefin no seu alcance, e se acampou junto do rio Tablit defronte d'Abdel Cadim: era já isto na estação do inverno, onde se obstinou a permanecer dois mezes, até que os seus queimaram as mesmas estacas das suas tendas, as hastas de suas lanças e os espeques de seus aposentos e barracas. Abdulmunem seguiu depois seu caminho para as portas de Talamessan, e o mesmo fez Taxefin a marchas forçadas, conseguindo entrar nella primeiro que seu antagonista; e a segurou e fortificou. Veio então este com o exercito dos Almohades, acampou-se sobre ella entre os dois rochedos, e não cessaram os combates até que Abdulmunem marchou para Oran deixando uma divisão dos seus a sitiaria Talamessan. Taxefin havia preventido igualmente esta expedição, e se metteu dentro da praça, que era forte e resistira a todos quantos ataques lhe dava o seu inimigo. Vendo-se porrem apertado e falto de provisões tomou o partido desesperado dos valentes; e sahindo da praça uma noite deu d'improviso sobre o acampamento d'Abdulmunem; mas sendo a noite tenebrosa, e desorientado no meio da confusão e ardor do conflito a sua egua o precipitára do pinaculo d'um despenhadeiro, e ao amanhecer o seu corpo morto foi achado junto á praia do mar. Privados assim os Almoravides do seu chefe ainda permaneceram fieis á sua memoria, e se defenderam até que no anno seguinte de 1145 foi Oran entrada d'assalto, e um mez depois a cidade de Talamessan. Successivamente foram os Almoravides perdendo e cedendo terreno até serem encurrallados em Bejaia, onde se defenderam até o anno de 1149 em que entrados d'assalto foram extermínados. —

Chegamos agora ao ponto principal do nosso propósito, áquelle que merecia bem o enjôo de seguir a leitura destas guerras e dissensões musulmanas; importante cousa é ver e notar o efecto que produziram na Peninsula. Já nossos leitores podem pela confrontação das datas sómente concluir que estes successos d'Africa aconteceram parallelos com epochas importantes do estabelecimento da monarchia portugueza; e que á proporção que o colossal imperio d'Aly, um dos maiores flagelos da christandade, se ia derrocando e cahindo a pedaços, ia o magnanimo Affonso Henriques levantando sobre as ruinas do islamismo o reino de Portugal, estendendo-o desde o Mondego até o Oceano, e desde o Tejo até topar com a corrente do Guadiana alem dos muros de Mertola. O chronista já citado apontou em geral o principio destes resultados quando por entre a reserva do orgulho mahometano lhe escapou dizer :— No anno da hegryra 519 [de Christo 1125] começou a descahir a dynastia lametunense [a dos Almoravides] e a aparecer sua fraqueza: pois como seus soberanos se tinham ocupado em combater Mahadi, e os Almohades seus proselytos, levantados nos montes Atlânticos, não poderam mais auxiliar o paiz da Hespanha, cujos estados enfraqueceram, por terem sido confiados aos seus próprios recursos. —

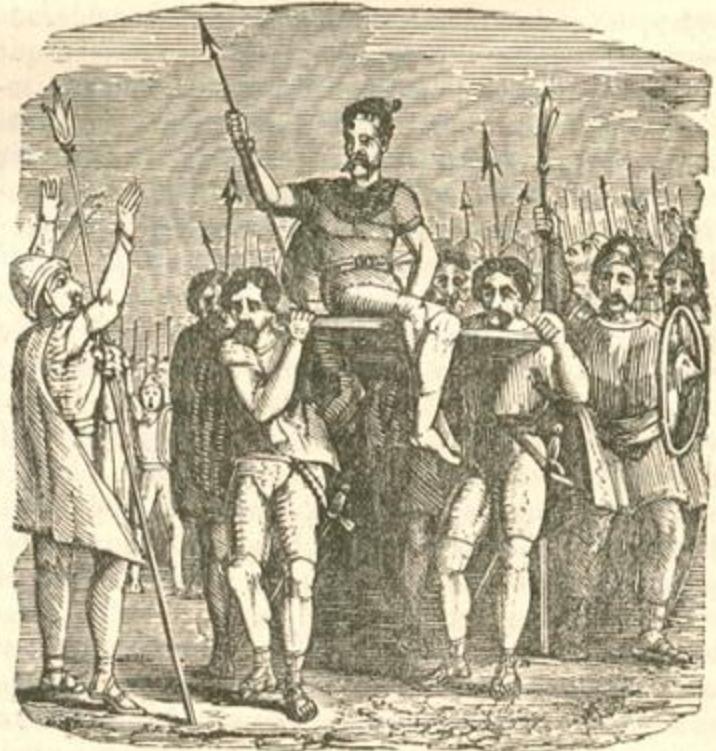
Voltemos um pouco atras, e veremos isto verificado nos successos; e agradeçamos áquelle Providencia infinita, que lá do alto regula os acontecimentos humanos, o haver suscitado entre os successores de Mahomet aquellas dissensões diuturnas e ferozes, para dar logar a se erguer o glorioso reina-

do do 1.<sup>o</sup> Affonso, e a se estabelecerem as demais dynastias christãas da Peninsula. Nós recordaremos que durante as guerras da successão de Castella e Leão em que o nosso conde Henrique andou envolvido desde 1609 até 1112, em o qual faleceu em Astorga no meio dellas, o principe Sairi, filho do imperador de Marrocos, o mesmo Aly de que temos fallado, entrando na Estremadura nos conquistou e arrebatou Lisboa, Cintra, Santarem com todo o territorio até o Mondego. Succedendo-lhe no governo a rainha D. Thereza, novas calamidades e novas perdas afligiram seu reinado: o principe Taxefin, que havia tomado o commando das forças mouriscas, veio arrazar Soure e Lousaã, talar os campos de Coimbra, destruir o castello de Santa Eulalia junto a Montemór velho, e no anno de 1117 assentou seu arraial sobre Coimbra, combatendo-a por tres semanas, onde a rainha D. Thereza resistiu e se defendeu com animo varonil.

Desde então até o anno 1128, em que tomou o governo do reino seu filho o principe D. Affonso, mal se havia podido pôr um pé alem do Mondego, achando-se apenas o castello de Soure confiado á dedicação cavalleiros dos templarios. As grandes invasões mouriscas porem haviam cessado nesta parte occidental da Peninsula porque a guerra intestina ás portas mesmo de Marrocos ocupava todas as attenções dos chefes: as terras de mouros em Portugal e Hespanha estavam confiadas aos governadores [aos walis] d'Aly, e estes aproveitando a conjunctura fizeram-se independentes, quebraram os vinculos da sujeição que os prendia ao governo daquelle soberano, e se proclamaram livres. Assim que Murcia, Granada, Jaen, Cordova, Sevilha, Badajoz, Niebla, e Sylves se constituiram outros tantos estados soberanos. De crer é que o principe Taxefin, chamado por seu pai, o velho Aly, para o ajudar na luta africana, levasse consigo os principaes cabos e as tropas mais fieis e aguerridas, porque não consta que estas diversas revoltas fossem obstadas, nem contrariadas. Foi neste tempo de perturbação e divisão dos mouros que Affonso Henriques se aproveitou habilmente da conjunctura: atravessou o Mondego, fundou o castello de Leiria em 1135, tomou depois Santarem, bateu Ismar e seus confederados na batalha d'Ourique, tomou Lisboa, e despejou de mouros toda a Estremadura e grande parte do Alemtejo. É isto o que nos indica claramente uma passagem da chronica gothica, transcripta por Brandão no appendice da 3.<sup>a</sup> P. da Monarchia Lusitana, sobre a qual nenhum de nossos escriptores, que eu saiba, tem feito a attenção e reparo que ella merece. Assim diz ella traduzida do latim: — Na era 1180 [antes de Christo 1152] se insurgiram os ismaelitas contra os moabitas, isto é, os andaluzes contra os arabes, e os expulsaram das cidades e das praças fortes. O Senhor lançou no meio delles a sua espada a fim de dissolver o seu imperio e dissipar assim o seu poder e a sua valentia: porquanto depois da morte d'Aly, o qual amava mais os arabes do que os andaluzes, estes, não querendo mais comportar o seu jugo que lhes era demasiado duro e oppressor, todos ellos unidos n'um só pensamento e vontade se levantaram contra os arabes, lançaram-os fóra das povoações e castellos, e os forçaram a passar o Estreito deixando a Hespanha. Depois de cuja expulsão elrei D. Affonso entrou de devastar suas terras, e a vexa-los fortemente. Então os mouros vinham ter com elle, e lhe faziam homenagem pagando-lhe

tributo e censo de suas cidades e dos castellos de Santarem e de Lisboa, e das mais praças vizinhas. — Este foi igualmente o segredo das victorias e triumphos de Fernando, rei de Leão, que paralelamente a seu primo, o soberano portuguez, apertava os potentados mouros pelas fronteiras do seu reino. De modo que, quando o imperador Abdulmunem se viu reconhecido e desassombrado de seus rivaes na Mauritania, e recebeu deputações dos regulos da Peninsula para os ajudar contra os christãos, começou por exigir destes novas cauções de vassallagem; e reteve em conta mais de 500 dos principaes que lhe haviam sido deputados, entretendo-os com promessas e delongas, mas realmente conservando-os como refens. A chronica mahometana diz que os primeiros africanos que Abdulmunem mandou á Hespanha foram 10:000 cavalleiros no anno de 1144: mandou depois outros em 1145, e desde então até 1160, anno em que elle mesmo passou o Estreito e veio á Andaluzia, se ocuparam seus generaes em subjugar os regulos levantados, que lhe deram assaz que fazer, para que durante esse tempo podesse guerrear os christãos. Não tire alguém daqui occasião de diminuir os creditos de valentia e de consumada prudencia e magnanimidade do grande fundador da monarchia, porque nos mouros peninsulares tinha ainda fortes competidores.

J. da C. N. C.



As guerreiras tribus da Germania [Alemanha antiga] tinham reis electivos, porem sempre escolhiam algum da familia real para soberano: de forma que os principios de monarchia hereditaria e monarchia electiva, que parecem hoje discordantes uns a respeito dos outros não eram assim considerados pela gente de origem saxonica, tanto que persistiam em reunir-los na pessoa de seus principes, e alguns vestígios desta anomalia apparente se descobrem no ceremonial da coroação. — Tendo os germanos escolhido seu rei, preparavam um escudo, sobre o qual o novo monarca se assentava, e levado em homens dos principaes officiaes por tres vezes corria triumphalmente as fileiras do exercito: nestas ocasiões os mesmos que celebravam a exaltação costumavam manifestar o seu rustico espirito de independencia, praticando o que elles chamavam e tinham na conta de brincos para com o futuro sober-

rano, e tal era por exemplo sacudir o escudo que servia de andor, e procurar que perdesse o equilíbrio e a séde quem nelle era transportado: similarmente brinco, proprio de povos assim barbaros, ia sahindo mui caro a Gundualdo, rei borgonhez, que arremecado do assento ficou tão maltratado que o viram no auge de perder a vida, custando infinito a que dêsse a terceira volta em presença das tropas; mas emfim salvou-se cheio de contusões e carente de algum tempo para o seu restabelecimento. À Inglaterra touxeram os saxonios esta pratica, e ainda hoje se observam recordações della nas eleições dos candidatos preferidos para as cadeiras legislativas, que são para assim dizermos levados em paviola.

O costume de exaltar o soberano sobre um escudo introduziu-se na decadencia do imperio romano; Gordiano e Juliano foram desta maneira proclamados imperadores por seus soldados, que a tinham aprendido nas campanhas que haviam feito na Germania e Gallias: igualmente foi adoptado no imperio byzantino, sendo o imperador por esta forma conduzido ao templo de St.<sup>a</sup> Sophia em Constantinopla, onde recebia a investidura e insignias imperiales.

#### JUSSUF OU O RENEGADO,

JUSSUF bei é um renegado de Tunes, que em parte se tornou celebre pelo importante cargo que ocupou nas possessões francesas da Africa septentrional, e em parte pelas suas aventuras um tanto romanticas.

Consta que Jussuf nascera pelo anno de 1810 no sul da França, porem nem conheceu seus parentes nem sua terra natal, porque foi roubado na costa da Provença pelos berbarescos e levado para Tunes quando apenas contava cinco annos.

Desta catastrophe da sua vida apenas se entrelumba elle, do mau tratamento que sofrera ao principio, e que depois mudou para brandura e amenidade quando os piratas conhecerao o partido que podiam tirar da sua preza; porque Jussuf, alem de ser um bellissimo rapaz e muito applicado, era de mui agradavel trato.

Apenas chegou a Tunes foi elle comprado por ordem do bei, e creado no seu harem. Segundo as noções orientaes houve muito cuidado na sua educação. Apprendeu a ler e a escrever, fallava varias linguas, e brevemente se distinguiu em todos os exercícios cavalleiros.

O bei lhe mostrou muito favor, chamando-o para sua companhia, e, quando ainda bem moço, nomeou-o secretario do thesouro.

Jussuf ponco tempo exerceu este cargo: assentou praça no corpo dos mamelucos, que formava a guarda do bei. Este acontecimento ainda o pôz em mais immediato contacto com a gente do paço, e lhe franqueou a entrada nos mais reclusos gabinetes do seu amo. Favorecido por esta circunstancia namorou-se da filha do bei, chamada Cabura, e por muito tempo soube occultar seus amores, até que um infeliz acaso os denunciou — um escravo grego o encontra só no quarto da princeza!

Tão flagrante infracção da decencia e dos costumes mouriscos quasi que fazem endoudecer o fiel vigia, que solta os mais duros vituperios contra Cabura, e ameaça a Jussuf com a cholera do seu senhor, a quem irá informar de tudo imme-

diadamente. Julgai da confusão dos dois amantes. Jussuf procura apaziguar o grego, mas debalde; e só a troco de uma somma enorme, para satisfação da qual a mesma princeza empenhou os seus brilhantes, é que pôde conseguir a promessa de que elle guardaria o mais profundo segredo.

Havia semanas que o penhor estava nas mãos do escravo, sem que Jussuf pudesse haver as quantias necessarias para seu resgate, quando o bei se lembrou de dar uma magnifica função, na qual era forçoso aparecer sua filha adornada de todas as suas joias.

Cansado de excogitar estratagemas, Jussuf resolreu subtrahir-se a este aperto por um meio violento. Debaixo do pretexto de querer pagar a sua dívida, induziu o grego a vir procura-lo com o cofre dos brilhantes. Com a mira no ouro entra o grego no quarto de Jussuf, que logo lhe crava um punhal no coração, e oculta o seu cadáver debaixo das taboas sobre as quais estava o leito.

Os brilhantes já estão a salvo, e com elles manda á princeza um embrulho cuidadosamente lacrado, que continha uma mão, um olho, e a lingua do escravo, e o seguinte bilhete, escripto de seu proprio punho:

«Ahi vos mando a mão que vos tocou. A lingua que vos insultou. E o olho que viu o que nenhum mortal devêra ter visto.»

Tanto a vingança de Jussuf, como as suas intimas relações com a filha do bei Sidi-Aly (\*) não foram descobertas por muito tempo.

Jussuf tomou parte brilhante em varias campanhas contra o bei de Constantina, e diariamente ganhava mais a confiança do seu amo e o amor de Cabura.

Já se lisongeava com a esperança de obter a mão da princeza, quando de repente tudo ficou transtornado. O bei sabe do enredo. Para sua convicção quiz por si observar, e quando não podia duvidar da verdade do facto passou ordem para o criminoso ser prezo.

Jussuf foi avisado em tempo: foge, e perseguido pelos soldados de Sidi-Aly acolhe-se a um brigue frances que pertencia á esquadra expedicionaria contra Argel em 1830, e que então se achava sobre a costa de Tunes. São aceitos os seus serviços pelos franceses; então faz toda a campanha de 1830. Distinguiu-se em varias oecasiões pelo seu denodo pessoal, foi mencionado em varios boletins, e dentro em poucos mezes, sendo já capitão, obteve o commando de um corpo novamente formado da cavallaria do paiz, organizada á moda dos mameculos tenuzinos.

Desde aquella epocha julgou o governo frances poder utilizar-se dos serviços de Jussuf como principal instrumento para a fundação do seu imperio no mornate da Africa. Pelo seu perfeito conhecimento dos costumes orientaes, e pelo interesse que desenvolvia na causa dos franceses, alcançou uma influencia decidida no espírito dos povos.

A primeira empreza importante, em que pôde figurar, foi na primavera de 1832, quando o duque de Rovigo era commandante geral das possessões francesas na Africa septentrional. Nesse tempo ainda conservava Hrakim, antigo bei de Constantina, a cidade de Bona, cuja cidadella era de-

(\*) Sidi-Aly, desde 23 do marzo de 1824 cabeça da aristocracia de Tunes, foi deposto pelo divan a 25 de maio de 1835, por pertender tornar o seu posto hereditario na sua familia.

fendida por obra de 800 turcos. Em 1830 haviam os franceses feito uma tentativa d'ahi se estabelecerem, mas foram mal sucedidos.

(Concluir-se-ha.)

### Bibliographia.

Bosquejo historico de litteratura classica grega, latina, e portugueza, para uso das escholas — Por Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, professor de oratoria, poetica, e litteratura classicas no Lycéo Nacional de Coimbra &c. — Coimbra na Imprensa da Universidade. Anno de 1844 — 1 vol. em 8.<sup>o</sup>

Houve tempo em que na eschola se seguia, sem exame, ou analyse, em quanto a methodos de ensino, o que o uso tinha estabelecido. Quando algum espirito mais ilustrado, conhecendo as necessidades da epocha, e o defeito das regras estabelecidas, curava de remediar o mal, e soltar-se das pés com que a auctoridade o embargava, logo lhes gritava um brado rouco que as doutrinas e os methodos, uma vez fixados, deviam gozar do attributo da imutabilidade. Por este meio mais de uma vez se conseguira encurtar, e acaso comprimir de todo os vôos do genio, e completamente aniquilar optimos productos da meditação. Succedia com as doutrinas e compendios das escholas, como com as doutrinas de Aristoteles, que até o seculo 12.<sup>o</sup> eram ainda mais acreditadas do que os factos e a experientia. Pertendiam os seus sequazes dar-lhes, na ordem das cousas intellectuaes, uma especie de inviolabilidade scientifica, que aniquilaria a sciencia e philosophia, a não serem os esforços de Bacon, Descartes, Locke, Newton, e outros inimigos do entendimento humano.

Que briga litteraria se não levantou entre nós, quando o douto Verney apresentou no *Verdadeiro metodo de estudar* o seu plano da reforma dos estudos, em harmonia com o progresso das sciencias até então? O que se não bradou contra o padre Antonio Pereira de Figueiredo por ir de encontro, no seu *Novo metodo de grammatica latina*, ás regras que sobre tal materia se achavam estabelecidas pelo jesuita Manuel Alvares, e canonisadas pelos seus confrades?

A epocha da infallibilidade litteraria caducou. Hoje tudo passa pelo crisol da analyse, verdadeira pedra de toque, e feição caracteristica do presente seculo: — methodos e doutrinas tem necessariamente que sujeitar-se a ella. — Adoptou-se o principio do eclecticismo: — vai-se buscar o melhor aonde se sabe que elle existe. O sim principal é conseguir que, com o socorro de bons methodos e doutrinas, se desenvolva a intelligencia da mocidade, e venha a fazer boa lavra no campo dos conhecimentos humanos.

Entre nós já no magisterio das letras se vão seguindo estes salutares principios. Tem-se conhecido a necessidade e conveniencia de formar compendios, cujas regras e doutrinas estejam ao nível da altura a que a sciencia tem chegado. — A Universidade de Coimbra foi a primeira que tributou ás letras essa homenagem, como cumpria á sua elevada categoria na hierarchia magistral. Boa porção dos seus lentes ensina hoje nas aulas por compendios proprios, muito perfeitos e elaborados. — Os senhores Forjaz

de Sampaio, Mello, Ferrer, e Coelho da Rocha, distintos membros d'aquelle academia, deram alem disso á estampa as obras, que no desempenho de importantes deveres compozeram, como prelecções para os seus discípulos — no que fizeram grande serviço ás letras, aumentando o credito da corporação a que pertencem.

Tambem é digno de grande louvor, e de quinhoar do aplauso que merecem os professores zelosos e ilustrados, o Sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, professor de oratoria, poetica, e litteratura classica no Lycéo Nacional de Coimbra — que assim se denomina hoje o antigo collegio das artes.

Acaha elle de dar á luz um *Bosquejo historico de litteratura classica, grega, latina, e portugueza para uso das escholas*. Este opusculo que é, em quanto a nós, mui proveitoso, desempenha a missão a que é destinado: — a de instruir a mocidade no conhecimento posto que elementar dos grandes modelos de litteratura grega, latina, e portugueza, inspirando, como diz o auctor, com a admiração desses modelos o desejo de os estudar directamente.

O auctor não só ligou no plano da sua obra a ordem chronologica á scientifica, como repartiu o todo das tres diferentes litteraturas em periodos, a cada um dos quaes designou um caracter distincto e peculiar á sua epocha.

No que, porem, julgâmos que o auctor fez o melhor serviço ás letras, é na parte da sua obra em que trata da litteratura portugueza. A este respeito trilhou o Sr. Figueiredo, entre nós, uma senda inteiramente nova: — o que confessâmos, não sem grande magua. Sobre tal objecto véda-nos o fallar mais explicitamente o decoro nacional, que muito prezâmos. Todavia sempre dizemos, que antes da apparição do opusculo do Sr. Figueiredo forçoso era a quem quizesse conhecer o fio da historia litteraria de Portugal, recorrer a Sané, Balbi, Ferdinand Dénis, Sismondi, e a outros escriptores estrangeiros, que curaram das nossas cousas com zelo e diligencia, que em nacionaes melhor cabia.

Por este motivo torna-se o Sr. Figueiredo duplamente benemerito. Oxalá que elle aproveitando os curtos momentos que devem sobrar-lhe do desempenho dos seus cargos, possa dar, n'uma segunda edição, todo o desenvolvimento de que são susceptiveis as bases que assentou no seu Bosquejo, principalmente na parte relativa á litteratura portugueza, de que convém tratar com a possivel extensão.

Recommendâmos, pois, a leitura do opusculo do Sr. Figueiredo, no qual, a par da linguagem, em geral, corrente e pura, se nota quasi sempre acerto nos juizos.

M. J. M. Torres.

O que é falso engana algumas vezes, mas engana pouco tempo, quando ha uma habil mão que lhe tira a mascara.

### ERRATA.

No Panorama n.<sup>o</sup> 145, pag. 317, col. 1.<sup>a</sup>, lin. 17, onde se lê = inculto = lea-se = o genio inculto. = E na lin. 19 vem demais = o genio. =

E no Panorama n.<sup>o</sup> 146, na continuação do romance = O conde de castella = em logar do titulo = A apparição = lea-se = O touro de pedra. =